

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 38 No. 3 Setembro - Dezembro 2025

RESENHA

RESILIENCE: PERSISTENCE AND CHANGE IN LANDSCAPE FORMS

Leonardo Lucas Silva da Silva*, Luiz Antonio Pacheco de Queiroz**

Em um contexto de transformações aceleradas e da urgência por leituras integradas da relação espaço-tempo, o livro *Resilience: Persistence and Change in Landscape Forms*, de Sandrine Robert (2022) – arqueogeógrafa e professora da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) –, destaca-se como contribuição fundamental. A autora mobiliza a arqueogeografia para desvendar os “fios invisíveis” que conectam passado e presente na conformação territorial. Robert rejeita a noção de paisagem como mero cenário, interpretando-a como artefato histórico vivo, marcado por traçados persistentes, formas reconfiguradas e marcas transgeracionais. Ao integrar arqueologia, história e morfologia espacial, a obra oferece um modelo analítico para decifrar continuidades resistentes, mesmo em contextos de mudança radical.

Organizado em três partes, o livro constrói um arcabouço teórico-metodológico robusto para compreender paisagens como sistemas dinâmicos, historicamente situados e estruturalmente complexos, apresentando análises progressivas e articuladas. A premissa central é que a paisagem não é um simples conjunto de elementos visuais, mas um registro histórico ativo em que múltiplas temporalidades se entrelaçam. Esse ponto de vista exige interdisciplinaridade, sustentada pelo diálogo com arqueologia, geografia histórica, ecologia e teoria dos sistemas, campos que fornecem as lentes conceituais para sua investigação.

Na primeira parte do livro, *Landscape: Continuity and Transformation*, Robert estabelece as bases epistemológicas da obra. Propõe que a paisagem seja compreendida como registro material de processos sociais acumulados, no qual formas espaciais, como traçados urbanos, redes viárias e divisões agrárias, atuam como testemunhos de dinâmicas históricas. Dois conceitos estruturam esta seção: a “persistência morfológica”, entendida como a capacidade de determinadas estruturas espaciais resistirem a transformações funcionais e se manterem como verdadeiros fósseis territoriais; e o “palimpsesto dinâmico”, que ultrapassa a noção de simples sobreposição de camadas históricas para evidenciar os mecanismos seletivos de reativação do passado, isto é, como certas formas são reapropriadas, ressignificadas e reincorporadas no presente.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGap/UFRB) E-mail: leonardolucassilva@aluno.ufrb.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5728-3254>.

**Doutor em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe (Proarq/UFS) E-mail: luizpachecoq@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3701-1489>.

A originalidade dessa abordagem torna-se evidente quando Robert problematiza o tempo linear, preferindo o conceito de “temporalidades reversíveis”, que permite averiguar como práticas espaciais do passado podem ser ressignificadas no presente, criando descontinuidades nas narrativas históricas tradicionais. Essa perspectiva é ilustrada com estudos de caso concretos, como os *cheminements* franceses, antigos caminhos e trajetos de circulação (muitas vezes medievais) que persistem como estruturas ativas no ordenamento territorial contemporâneo. Mesmo quando não mais utilizados na forma original, esses traçados mantêm sua função organizadora no espaço, funcionando como exemplos de resiliência morfológica.

A força teórica da primeira parte do livro reside na articulação de conceitos abstratos a evidências empíricas robustas. Robert não se limita a constatar continuidades espaciais, ela ressalta que a tarefa investigativa requer revelar os mecanismos sociais e ecológicos que explicam a persistência de certos elementos em face da transformação de outros. Essa fundamentação prepara o terreno para as partes subsequentes, nas quais a autora aplica o arcabouço conceitual a estudos de caso específicos e reflete sobre suas implicações para o estudo de paisagens em contextos de mudança acelerada.

A segunda parte, *Resilience: A Tool for Understanding the Dialectics of Persistence and Change*, desloca o foco: da caracterização morfológica para a resiliência como instrumento teórico-metodológico. Robert apropria-se criticamente de constructos como “panarquia” e “ciclos adaptativos”, evidenciando sua potência investigativa para analisar oscilações entre estabilidade, ruptura e reorganização em sistemas socioecológicos. Os ciclos adaptativos, segundo ela, descrevem a dinâmica dos sistemas ao longo de quatro fases – exploração, conservação, colapso e reorganização –, possibilitando compreender como formas paisagísticas passam por fases de uso intenso, estabilização, abandono e eventual ressignificação. Já o conceito de “panarquia” amplia esse modelo, articulando múltiplas escalas de análise: processos locais, regionais e globais interagem entre si, fazendo com que transformações em um nível influenciem os demais. Ao aplicar essa perspectiva à leitura das paisagens, Robert propõe uma visão não linear da permanência, na qual a persistência se dá não por imobilidade, mas pela capacidade de reorganizar-se diante de mudanças – uma resiliência que se reinventa. Esse arcabouço integrado supera dicotomias simplistas, explicando a coevolução de elementos humanos e naturais sem cair em determinismos ecológicos ou teleologias históricas. Assim, a autora transforma um conceito técnico em instrumento analítico sofisticado, capaz de revelar padrões espaciais em escalas temporais extensas.

Na última parte, *Synthesis: Landscape as a Resilient Social Ecological System*, Robert integra teoria e evidências empíricas em um modelo interpretativo coerente. Postula que as paisagens constituem sistemas adaptativos complexos, caracterizados por propriedades emergentes, processos de autoorganização e regimes temporais múltiplos. Essa concepção permite elucidar fenômenos paradoxais, como a persistência de formas urbanas ou redes de circulação mesmo após o colapso das estruturas sociais que as originaram – evidência de lógicas espaciais resilientes, capazes de transcender contextos históricos específicos.

A autora também estabelece um fecundo diálogo com a obra de Gérard Chouquer, referência central na arqueogeografia francesa, cujos estudos sobre parcelamentos, redes viárias e formas fundiárias contribuíram decisivamente para a compreensão das permanências e transformações da paisagem. Inserida nesse marco teórico, Robert mobiliza os conceitos de “morfofase” e “transformação” para qualificar distintos regimes de persistência morfológica. A morfofase refere-se à estabilidade estrutural de determinadas formas espaciais, como traçados de caminhos ou malhas de lotes, que se

mantêm reconhecíveis ao longo do tempo, mesmo diante de alterações funcionais ou sociais. Já a transformissão, conceito cunhado por Chouquer (2000 *apud* Robert, 2022), expressa uma forma de continuidade ativa, em que a transmissão de formas se dá por meio da transformação: em lugar da repetição literal, ocorrem adaptações e reconfigurações de elementos herdados, conferindo durabilidade às estruturas sem lhes negar o caráter histórico. Tais categorias integram-se ao aparato conceitual de Robert ao articular resiliência e forma, permitindo compreender as paisagens como sistemas modelados por temporalidades descontínuas e pela constante tensão entre conservação e mudança.

Robert não se limita à elaboração teórica: propõe diretrizes metodológicas concretas, ressaltando como a noção de resiliência pode orientar tanto a análise territorial quanto sua representação cartográfica. Essa articulação entre teoria, evidências empíricas e técnicas de representação constitui uma das contribuições mais relevantes da obra, oferecendo um marco analítico promissor para investigações futuras em arqueogeografia e estudos da paisagem.

O tratamento conferido ao conceito de resiliência merece destaque. Robert ultrapassa as apropriações convencionais do termo, frequentemente reduzidas a uma retórica de adaptação ou resistência passiva. A resiliência emerge aqui como categoria analítica multidimensional, apta a explicar a persistência de estruturas espaciais e os processos de reorganização que lhes conferem novos sentidos ao longo do tempo.

Metodologicamente, a obra distingue-se pela abordagem transdisciplinar, ao combinar de forma produtiva análise morfológica, cartografia histórica e teoria dos sistemas. Para Robert, a constatação de formas espaciais persistentes – etapa fundamental, mas insuficiente – deve ser acompanhada por investigações que considerem os diferentes ritmos e camadas temporais que coexistem em uma mesma configuração territorial. Essa perspectiva analítica, sensível às permanências e às reconfigurações, é particularmente significativa para a arqueologia da paisagem e os estudos urbanos, ao oferecer um modelo capaz de articular múltiplas escalas temporais sem hierarquizá-las.

A perspectiva teórica desenvolvida no livro tem implicações significativas para o estudo de paisagens em contextos contemporâneos. Ao ressaltar como estruturas espaciais do passado continuam a informar dinâmicas presentes, Robert oferece subsídios relevantes para o planejamento territorial e a gestão do patrimônio cultural. Sua abordagem sugere que políticas de intervenção no território devem considerar as condições atuais, bem como as trajetórias históricas profundas que configuram as paisagens.

O potencial de aplicação do referencial de Robert no Brasil é vasto, abrangendo desde pesquisas acadêmicas em geografia histórica e arqueologia da paisagem até o planejamento territorial e urbano. A abordagem sistêmica das dinâmicas espaciais, que articula escalas temporais diversas sem hierarquizá-las, poderia oferecer novos pontos de vista para enfrentar os complexos desafios da gestão do território em contextos marcados por profundas desigualdades socioespaciais de origem colonial.

No contexto brasileiro, em que a ocupação do território foi profundamente modelada por lógicas coloniais, a proposta de Robert permitiria analisar de forma inovadora como antigas estruturas espaciais, como traçados urbanos regulares, redes de caminhos coloniais e sistemas de divisão fundiária, continuam a informar as dinâmicas contemporâneas de uso e apropriação do território. Essa perspectiva seria valiosa para compreender como essas formas herdadas não constituem meros vestígios do passado, mas elementos ativos que condicionam possibilidades de ação no presente, muitas vezes reproduzindo desigualdades espaciais de longa duração.

A aplicação desse referencial poderia, por exemplo, iluminar como antigas rotas de tropeiros ainda influenciam padrões de mobilidade e ocupação em regiões interioranas,

ou como os parcelamentos originários das sesmarias estruturam conflitos fundiários em áreas rurais. Nas cidades históricas, permitiria ler as sobreposições temporais que caracterizam seus tecidos urbanos, revelando como formas arquitetônicas e urbanísticas de diferentes períodos coexistem e se reinterpretam mutuamente.

Tais possibilidades em estudos sobre o espaço urbano no Brasil guardam estreita afinidade com investigações realizadas por Robert e seus predecessores europeus na arqueogeografia. Por exemplo, ao analisar a formação de traçados urbanos inspirados em modelos de cidade do absolutismo europeu, é possível aplicar o conceito de transformissão para compreender como essas formas espaciais – originalmente projetadas para cumprir funções específicas – não apenas se mantêm ao longo do tempo, mas também são ressignificadas pelos grupos subalternizados. Desse modo, as ações desses agentes imprimem novos sentidos simbólicos aos traçados herdados, configurando paisagens que mesclam permanência e inovação.

Ainda não traduzido para o português, o livro de Robert apresenta contribuição fundamental para os estudos acadêmicos no Brasil, especialmente em pesquisas sobre paisagem, território e processos de longa duração. O quadro teórico desenvolvido pela autora oferece instrumentos analíticos pertinentes para investigar as dinâmicas de permanência e transformação que caracterizam as paisagens brasileiras, marcadas por profundos processos coloniais cujas estruturas espaciais persistem e se reinterpretam até o presente.

A ausência de tradução para o português limita o diálogo entre o trabalho de Robert e a produção acadêmica brasileira, em que seus conceitos poderiam fertilizar debates sobre colonialidade do espaço, justiça territorial e gestão do patrimônio cultural. Uma futura tradução seria estratégica não apenas para ampliar o acesso a suas contribuições teóricas, mas também para instrumentalizar novas abordagens em pesquisas aplicadas ao contexto nacional.

O percurso teórico-metodológico do livro de Robert constitui contribuição seminal para os estudos da paisagem na atualidade. A relevância de sua abordagem sistêmica, que articula conceitos da arqueogeografia, da ecologia teórica e da geografia histórica, está em reposicionar a resiliência como eixo analítico central, oferecendo um modelo interpretativo sofisticado para compreender as dinâmicas de permanência e transformação que configuram os territórios em escalas temporais extensas.

A principal inovação da obra está na forma como Robert rompe com dicotomias tradicionais – como natureza/cultura, passado/presente e continuidade/mudança – ao propor uma visão integrada da paisagem como sistema socioecológico complexo. A autora evidencia, com clareza analítica, que formas espaciais aparentemente estáticas, como traçados viários ou divisões fundiárias, são expressões concretas de processos sociais e ecológicos em interação constante. Essa perspectiva supera leituras simplistas que opõem permanência e transformação, revelando os mecanismos dialéticos que explicam sua coexistência e destacando como estruturas espaciais herdadas são reinterpretadas dinamicamente em diferentes contextos temporais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ROBERT, Sandrine. *Resilience: Persistence and Change in Landscape Forms*. London (UK): Wiley-ISTE, 2022. 288 p.